

A HISTÓRIA DE DEUS NÃO SE CONTA

Antonio Paulo Rezende(UFPE, Doutorado em História, cielo77@uol.com.br)

Resumo

Discutir a concepção de tempo é uma tentativa de compreender as múltiplas dimensões da história. O artigo busca dialogar com outros saberes para, sem deixar de lado o lúdico, enfrentar algumas das muitas questões que provocam o conceito de eternidade. Nesse diálogo, história e literatura estão entrelaçadas e as incertezas definem o caos e o cosmo no mundo contemporâneo.

Palavras-chaves: tempo, história, Deus.

A HISTÓRIA DE DEUS NÃO SE CONTA

Antonio Paulo de Moraes Rezende

UFPE

cielo77@uol.com.br

Como pude não sentir que a eternidade, almejada com amor por tantos poetas, é uma artifício esplêndido que nos livra, mesmo que de maneira fugaz, da intolerável opressão da sucessividade?

Jorge Luís Borges

“Não sei como Deus trabalha”. Está dito no filme O Solista, dirigido por Joe Wright. O filme se passa em Los Angeles, relatando a história do músico, morador de rua e esquizofrênico Nathaniel Ayers. Raras vezes li ou ouvi uma afirmativa com uma densidade tão profunda. Não poderia deixá-la sem diálogo, sintetizando, apenas, um instante de encantamento. O filme questiona muita coisa, derruba verdades consagradas, mas com uma delicadeza indefinível. Mergulha nas loucuras da vida, extensas e penetrantes, sem limitar as interpretações, nem estabelecer critérios do *para sempre*. Num mundo que se acelera a cada passo e não se apagam as curvas, nem os abismos, as incertezas invadem o cotidiano. Não há como bloqueá-las. Tudo fica por um triz. A solidão é presença, é ser no mundo, como as cordas do violino d’O Solista. A quantidade, as massas nas ruas, as torcidas nas arenas esportivas, a juventude gritando nos desenganos, as multidões dançando ao som dos Cavaleiros do Forró, fazem parte também de uma demografia imaginária. As proximidades dos corpos é um sinal de cansaço e não de afeto. Nada é fixo, nem tampouco flutua. Vivemos agora que inibem

reflexão. A consciência dorme no caixão do iluminismo. Para que o esforço se a máquina desenha o infinito? Para que o espelho se o avesso é o que vale?

Lembrei-me de Nietzsche, da célebre e escandalosa morte de Deus, a metáfora profunda que amedrontava e criava medo. Sem Deus o que seria do mundo, como ele se ordenaria? Não seria o resumo da agonia errante, sem destino e sem manto? Mas Nietzsche estava desejando desmontar a ordem dominante, maldizia Sócrates, o cristianismo, a hipocrisia dos valores ocidentais, entretecia a luz com a sombra, seu sentimento contava a pulsação da sua alma. A morte de Deus tinha amplos significados. A sociedade se aprisionava em tradições vazias, em rituais formais. Os corações amargurados apelavam para as religiões e para as promessas do capitalismo. Positivismo, progresso, mercadorias, verdades, tudo eram máscaras que o filósofo não suportava. Ele se confrontava com concepções arruinadas que retiravam a vitalidade do humano. Deus se perdia num labirinto. Não imaginava haver criado o caos junto com a ordem. Nietzsche não era apenas o demolidor, nem tampouco companheiro de loucuras ocultas. A sua procura talvez fosse outra. Quem sabe não estivesse intuindo a cansaço de Deus, diante das criaturas que se mostravam descrentes e apressadas? A frase fez eco, turbulências, atravessou a contemporaneidade, ora como um pesadelo, ora como uma ironia contra as onipotências inventadas pela cultura.

A idéia do eterno retorno parece não ser uma especulação poética. Há questões que estão presentes, não importando a época. O tempo não é mesmo linear. Se fosse seria tudo muito fácil. Existe uma inquietude nos olhares que viaja para o passado e para o futuro. O deslocamento é contínuo, no entanto não aponta sempre para o novo. As tradições se movem, invadem cotidianos que se mostram inimigos das mudanças. Há silêncios e obscuras vontades de não enfrentar o caos, mas se fazer testemunhos e parceiros das linhas retas, numa geometria monótona, nua de curvas e de abismos. A anunciada morte pode ser tudo ou nada. Tudo porque Deus representa a maior invenção humana, possui uma travessia em múltiplas culturas. Nada porque a história de Deus não se conta, é submersa na extensão do medo de cada interioridade. A força da coragem nietzschiana alimenta a tradição da ruína que se anuncia com a exaustão de valores aparentemente definitivos. O abalo é radical, mas o trabalho de não se afundar na ruína é também radical. Todos arrumam uma maneira de anunciar um fim, sem contudo, desprezar o recomeço. O sentido da vida parece se resumir na possibilidade de se esperar o apocalipse, já que é difícil localizar a origem. As figuras do tempo e do

relógio arranham a eternidade, pois configuram a história. Não caímos na ilusão que são, somente, documentos os condutores da narrativa histórica.

A memória de Deus é a vestimenta de muitos. Não há cores definidas, mas um domínio da fantasia, como se ela negasse a dor da incompletude. Quem leu Pinocchio sente a luta da encarnação, do fazer humano e, nela, as ambigüidades do bem e do mal. Geppeto e sua criatura, cultura e natureza, teimosia, inquietude, perdão, recomeço, odisséia imensa para se medir o bom senso, deixar de ser madeira e entrar na vida. Pinocchio resiste com suas travessuras, vacila, teme sacramentar escolhas. A culpa o acompanha como uma serpente sedenta. As quebras são constantes. Ele quer um sentido, uma trama, um sossego. Magia que se confunde com verdade, punições exemplares como arquitetura de uma ética, Adão, Eva e a maçã com outros nomes, porém com fundações semelhantes. O final feliz é a humanização, o bom comportamento, a afirmação da paternidade. Não há em tudo isso uma nostalgia, uma linha invisível que percorre veredas em ritmos variados? Criatura e criador andando por abismos, cercando-se de argumentos para se enlaçarem no cosmos. Está ali a dor, não se conta uma história com a felicidade a florada a cada instante.

Imaginar o trabalho de Deus é a poética mais indefinida que persegue a escrita da vida. O desenho rápido da estrada só pode ser feito, na medida em que traço o que vou caminhando. Deus não está atrás, nem corre para o futuro. Ele se apresenta, sem pretensões. O mito sobrevive para não tornar o pecado uma culpa passageira. Deus faz arcos para não perder de vista a eternidade. Não se preocupa com a forma, nem com a ferrugem das dobradiças da porta do seu quarto. Talvez, esteja para além das necessidades. Por não pertencer ao corpo, não sente o gosto e o calor do sangue. O trabalho de Deus não é humano, porém só existe no humano. Não sei por que as perguntas ou as afirmativas impressionam: pelo mistério que revelam ou pela estética sonora das suas palavras? Não cabem respostas. O trabalho de Deus confunde-se com o fogo da loucura de Nietzsche. A vida se expõe para quem não fugiu da curva, nem tem medo de se balançar no círculo. O altar e o templo são, apenas, símbolos, ninguém conhece a oração que os inventou. O trabalho é como uma imagem no espelho: fotografia de uma escultura necessária.

A convergência dos instantes não é um acaso. A criação do mundo não se resume a sete dias, nem tampouco há espaço para descanso. A palavra dia é (mal)dita, quando ninguém a escuta e a tempestade acontece lavando qualquer tentativa de enraizar

desenhos. Não roube os significantes de Lacan, não acredite que ele leu todos os livros de Freud. Ceda cada tabu que o consola e descreva a psicanálise que a indústria de remédios universalizou. Pense na sertralina, no prozac, no olcadil, no somalium, na decadência do lexotan vendido nas barracas do fiteiro, como um comprimido de cibalena. O século XIX está longe, os gritos da sua memória não consegue ultrapassar os ecos de Woodstock. Troque Freud e Lacan por um almanaque de Mônica e as tiras completas de Mafalda. A simultaneidade é um turbilhão insuperável, daí toda a melancolia já anunciada por Benjamin.

Quem entrou nas vertigens do capitalismo não se assustou com os sussurros traiçoeiros da ciência, nem sacrificou sua ingenuidade no telhado da cobertura. Fidel abandonou-se na velhice, adormecido na sua revolução, não se desliga, secretamente, das aventuras do Homem Aranha. Seu embargo não é comercial, mas os fios de sua barba possuem mais histórias dos que os livros do sebo de Brandão. Não se conta a história de Deus, não se multiplica a imagem primeira de Guevara, nem se sabe quantos anjos existem nos céus. A convergência dos instantes não é um acaso, é uma repetição indefinível e incapaz de ser aprisionada por qualquer gramática. Lá em Istambul, Pamuk tece seus detalhes finos, para aquecer memórias, ao lado de Zeus. Ítalo Calvino desfila suas metáforas, para iludir os deuses, na porta do inferno. Rimbaud e Baudelaire riscam poemas numa areia escura, com se brincassem de videogame na sala sem cor de um Shopping Center de várzea. Oral ou escrita as narrativas se compõem, com sintonias da diversidade.

O texto se encerra, porque a aventura não precisa de palavras para enganar o apocalipse. O pertencimento é livre, os entre-lugares, um adorno intelectual. Édipo mergulha na exclusão do anti-Édipo. Sem pai, nem mãe, não adianta simular o famoso romance familiar. Freud morreu antes da segunda guerra mundial se envolver com a bomba atômica. Seu charuto lhe condenou a um sofrimento atroz. Suas dores eram dores do mundo, como as de Schopenhauer. Quis contar a história de Deus, numa versão escandalosa, para época. Mas a sexualidade não é tudo nas vertentes freudianas. Havia um pessimismo que se entrelaçava nas suas últimas deduções. “Nossos contemporâneos chegaram ao extremo no domínio das forças elementares, que com sua ajuda seria fácil exterminarem-se mutuamente até o último homem”. (FREUD, 1986, p.88). Resta esperar pela generosidade de Eros, para salvar o suspiro de Prometeu e as miragens d’O Solista. A história de Deus está escondida na caixa de Pandora. Tudo não passa de um jogo sem dados, com pedras verdes e tabuleiros claros.

A esquizofrenia não é uma singularidade de poucos, mas uma epidemia social. Muito se tem falado sobre o tema, sendo discutido no campo da psiquiatria, voltada para as mudanças havidas na sociedade contemporânea. Os cacôs do mundo não permitem que a imagem do cosmos se recomponha. Há explosões constantes de comportamentos inusitados. A nostalgia é uma permanência soberana, como o creme de barbear de um condenado a prisão perpétua. O historiador vive, na atualidade, outra atmosfera, muito diferente das metodologias rígidas, centradas no valor inquestionável do documento. O presente é fundamental. Como articular a pesquisa, sem se tocar com o que vivemos? Como diz, Caetano Veloso, o *Haiti não é e é aqui*. A proximidade é grande, na aldeia global. Continuamos, no entanto, cultivando as palavras, narrando nossas experiências, burlando o desamparo das solidões que certas tecnologias nos trouxeram.

Há lugar para tudo. Para a magia, para o desencanto, para travessias subjetivas, com outras formas de Deus se reanimar. Como um duende, Piazzolla aparece na janela da imaginação com seu *bandoneon* imperecível. Uma forma de Deus se apresentar. E eu, mínimo, como um lápis que não tem forças para tingir a brancura desértica do papel. Um excesso sem medidas, faz do texto uma sepultura de frases anêmicas, a gargalhada de despedida de um palhaço com fome. É inútil se conformar com a força tirânica do ponto final. Scherezade, no outro quarto, silencia para não esgarçar meu sonho. A música de Piazzolla anuncia a gratuidade do belo, o sentido de não se contar a história de Deus e nem de se fechar os lábios para finalizar o tempo. A narrativa de Scherezade traz o vôo do pássaro vermelho, a lâmpada de Aladim, a instabilidade dos gênios, o calendário dos símbolos, a sensualidade das vestes das princesas, o desejo do fim, sem o peso da morte. Não nos percamos na exatidão, quando o imperfeito nos cerca e a história é uma rede de conexões em que o impossível é também uma forma de ser. A metáfora não morreu. *Ser gauche na vida*, não é apenas uma referência poética.

Referências Bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. *Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- BORGES, Jorge Luís. *Obras completas*. São Paulo: Globo, 1999. Volume IV.
- CALVINO. Ítalo. *Seis propostas para o próximo milênio*. Tradução Ivo Barroso. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

FREUD, Sigmund. *El malestar en la cultura*. Tradução Luis López Ballesteros. Madrid: Alianza Editorial, 1986.

NIETZSCHE, Friedrich. *Civilização e decadência*. Tradução Egito Gonçalves. Porto: Editorial Inova, s/d.

PAMUK, Orhan. *Istambul: memória e cidade*. Tradução Sergio Flaksman. São Paulo: Cia. das Letras, 2007.